

**POLÍTICAS E PRÁTICAS INCLUSIVAS:  
ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE PARA INCLUIR O  
ESTUDANTE SURDO**

**MARTINS<sup>1</sup>, Huynara Barbosa F,  
SANTIAGO,<sup>2</sup> Sandra Alves da.  
SILVA<sup>3</sup>, Lorena Rangel G.**

**Centro de Educação/Departamento de Habilitações Pedagógicas/Programa de Extensão  
PROBEX.**

**RESUMO**

O presente artigo foi elaborado a partir do projeto de extensão intitulado “Formando Professores Inclusivos”, vinculado ao Programa de Extensão PROBEX realizado em 2013. O referido projeto defende que a educação inclusiva já é paradigma consensual entre os educadores, no entanto, isso não significa que eles não encontrem obstáculos para a realização de uma prática comprometida com a equidade e com a acessibilidade. Diante disto, buscou identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos educadores das Escolas Polos de João Pessoa e oferecer capacitação específica na área de maior necessidade. Os professores apontaram a questão comunicativa com estudantes surdos como o principal desafio na prática pedagógica inclusiva. Diante disto, o projeto elaborou curso de formação em Libras – Língua Brasileira de Sinais, com 80 horas/aula para professores da rede pública de João Pessoa. Dos 50 professores participantes da pesquisa, 32 matricularam-se no curso que acontece com encontros uma vez por semana, sempre às segundas feiras, tendo início em agosto de 2013 e seu término previsto para dezembro do mesmo ano. O curso é oferecido como aporte metodológico capaz de garantir uma melhoria na qualidade de suas práticas docentes inclusivas. No curso, além do ensino da Libras, propõe-se discussões e se apresentam estratégias metodológicas inclusivas para que os professores elaborem e executem no cotidiano de suas salas de aula, trazendo os resultados para análise. A participação dos professores no curso revela, ainda, uma grande lacuna em suas formações iniciais que precisam ser resolvidas a fim de que se garanta a inclusão.

**Palavras-chave:** Formação, Inclusão, Surdos.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal da Paraíba, extensionista externo, huynara@hotmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal da Paraíba, coordenadora do projeto, sandraassantiago@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal da Paraíba, Discente Bolsista do projeto, lorenarangel\_@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

O Brasil está farto de legislação em prol da inclusão, mas, ainda são muitas as lacunas para que este modelo educacional se efetive e consiga atender as necessidades de alunos com deficiência nas escolas regulares (SASSAKI, 1997). A maior delas, talvez, se situa no âmbito da formação dos professores, tendo em vista que esta ainda é deficitária, pois não contempla as especificidades que se expressam nas escolas.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007) prevê que as salas regulares sejam os espaços de aprendizagem de todos os alunos, não exclui, portanto, os alunos com surdez. Mas, para que isto seja possível, os professores precisam dominar certas competências, sem as quais não é possível que ensinem aos alunos surdos. Conhecer a língua de sinais é, portanto, de fundamental importância para que os professores dialoguem, interajam e ensinem aos estudantes com surdez inseridos em sala de aula por força da política inclusiva.

Com esta preocupação, realizamos durante o ano de 2013, o projeto intitulado Formando Professores Inclusivos, ligado ao Programa PROBEX, com o objetivo de identificar junto aos professores das Escolas Polos (EP) da rede municipal de João Pessoa/PB quais são as principais dificuldades encontradas para promover a inclusão de surdos em suas salas de aula e, nesta direção, buscar oferecer uma formação continuada que subsidie os mesmos em sua prática educativa, através de curso de capacitação docente.

## **DESENVOLVIMENTO**

Do ponto de vista legal, o Brasil é farto de instrumentos em prol da inclusão educacional de pessoas surdas, mas, ressaltamos que discussões filosóficas e promulgação de leis não encerram o assunto, apenas abrem caminho para que realizemos outras reflexões em favor da inclusão.

A LDB Nº 9.394, de 1996, no seu artigo 59 defende que haja:

Professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 1996, inciso III).

O fato é que a inclusão do surdo exige mudanças, sobretudo, mudanças pedagógicas e para tanto, a formação docente é o principal instrumento. Diante disto, vemos que é urgente que os professores tenham acesso aos conhecimentos que podem favorecer sua interação e comunicação com alunos com deficiência, a fim de que desse modo, eles (os professores) possam possibilitar a aprendizagem daqueles (os alunos). Mas, quando esta formação não está garantida inicialmente, é necessário que se faça na formação continuada.

Por fim, é bom que se afirme que, a língua de sinais utilizada pelos surdos dos centros urbanos brasileiros, popularmente chamada de Libras, foi reconhecida como língua oficial da comunidade surda do Brasil, em 2002, através da Lei N.º 10.436 e regulamentada pelo Decreto N.º 5.626, de 2005 (SANTIAGO, 2011). E, embora, hoje, seja bastante comum falar sobre o uso e o ensino da Libras, é bom lembrar que nem sempre foi assim..

De acordo com o atual modelo de inclusão escolar defendido em âmbito nacional, as escolas devem possuir serviços especializados para suprir as necessidades dos alunos surdos, mas onde os professores adquirem tais conhecimentos, já que na formação inicial isso não aconteceu? Deve ficar a critério do professor, irem busca de tais conhecimentos?

Com estas questões desenvolvemos uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da inclusão de surdos e da língua de sinais neste processo. Em seguida, procedemos uma pesquisa de campo junto às 05 Escolas Polos (EP) da rede municipal de João Pessoa/PB, que não possuíam ação com vistas a formação continuada dos professores para atuar junto aos estudantes surdos.

Nas escolas, realizamos a técnica de entrevista com 50 professores que lecionavam alunos surdos. As questões que nortearam a entrevista foram: quais as principais dificuldades que enfrenta para incluir o estudante surdo? E se está disponível para participar de uma capacitação em prol da inclusão, em que dia e horário?

Os resultados apresentados pelos professores das Escolas Polos (EPs) apontaram a questão da comunicação como o principal obstáculo para que se efetive a inclusão e a necessidade de aprender a Língua de Sinais para melhorar suas práticas educativas. As respostas dos professores demonstram que os mesmos se sentem despreparados para atuar junto aos estudantes surdos. Em suas falas eles relatam que é muito difícil para os estudantes surdos serem ensinados por professores que não sabem Libras, mas, que ainda assim, são responsáveis pela aprendizagem destes alunos. “Como é possível ensinar a alguém quando não se sabe ler o que ele escreve ou não se entende o que ele diz?”

Este curso foi elaborado a partir das dificuldades elencadas pelos professores, seguindo a seguinte sequência de atividades:

Fomos a nove escolas Polos do Município de João Pessoa e no primeiro momento procuramos saber se tinha o curso de libras para professores ou outro tipo de formação continuada equivalente. A partir disto notamos que cinco escolas não possuíam tais ações para os professores. Iniciaram a divulgação de uma formação em Libras que ocorreu com a colagem de cartazes nas cinco escolas Polos do Município de João Pessoa, a saber:

1. Escola Anayde Beiriz
2. Escola Arnaldo de Barros
3. Escola Fenelon Câmara
4. Escola Governador Leonel Brizola
5. Escola Padre Leonel da Franca.

Nestas ocasiões já divulgamos o dia e horário da realização do curso: segundas feira, no horário de 18h00min as 21h30min, com 80 horas e período de execução de agosto a dezembro de 2013. As aulas foram organizadas com duração semanal de 4 horas, na Biblioteca Central da Universidade Federal da Paraíba. Neste caso, os professores inscritos deveriam se dirigir ao local, no horário previsto.

Abrimos exceção para realizar também inscrições por telefone, caso os professores não estivessem presentes nos dias e horários de plantão na escola.

No planejamento das aulas consideramos os seguintes aspectos: sensibilização/expressão, descontração, conhecimentos em Libras e atividades práticas, como elementos essenciais para orientar as atividades propostas e nos apoiamos nas referências de Felipe (2001). Elegemos como temáticas para serem desenvolvidas no curso de capacitação em Libras as seguintes:

- Boas vindas
- Alfabeto
- Família
- Saudações
- Profissões
- Identidade
- Dias da semana
- Meses de ano
- Pronomes interrogativos
- Pronomes pessoais
- Numerais
- Disciplinas escolares
- Tempo

A organização dos materiais acontece a cada planejamento e são produzidos dentro dos aspectos eleitos para o curso pela coordenação do projeto e aluna bolsista. A avaliação do curso vem ocorrendo ao longo de cada encontro, a partir da participação e da manifestação dos cursistas. Além disso, o curso oferecerá certificado para os cursistas que tiverem frequência acima de 75%.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No caso de estudantes surdos é evidente que o processo ensino aprendizagem se estrutura fundamentalmente pela via visual em detrimento da auditiva. E, neste caso, é fundamental que o professor conheça este processo e faça uso dos recursos visuais em sala de aula a fim de promover a inclusão do estudante surdo.

A partir do referencial teórico e do Projeto Formando Professores Inclusivos, é possível notar que são muitas as dificuldades enfrentadas pelo professor da rede regular de ensino quando o assunto é a inclusão do aluno surdo; muitos não se sentem preparados para assumir o ensino. Os professores estão aprendendo a trabalhar com seu aluno surdo, primeiro entendendo a cultura surda que é representada pela Língua Brasileira de Sinais e assegurando a identidade do seu educando através da Libras, motivando estas crianças a obterem maior acesso ao conhecimento.

Diante da incontestável importância da formação especializada no conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, torna-se necessária essa formação voltada aos docentes para que os mesmos consigam trabalhar em sala de aula com os alunos surdos e garantam a aprendizagem desses educandos. Nesse sentido, embora o curso esteja em andamento, já percebemos a satisfação dos educadores com as aulas e as articulações que os mesmos já conseguem estabelecer com a prática cotidiana.

## **REFERÊNCIAS**

\_\_\_\_\_. Lei de Diretrizes e Bases da Educação nacional. Lei nº 9394. Brasília: MEC/SEESP, 1996.

\_\_\_\_\_. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

FELIPE, T. M. Libras em Contexto. Rio de Janeiro: FENEIS, 2001.

RAMOS, M.C.M. Formação continuada do professor. São Paulo: Dep.de Didática-UNESP, v.26-27, 1990.

SASSAKI, R. K. Inclusão: Construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SANTIAGO, Sandra A. S. A história da exclusão da pessoa com deficiência. João Pessoa: Editora Universitária, 2011.